



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

THIAGO LOPES ALONSO

ÓRFÃOS DO IMPERADOR

**Goiânia
2024**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

ÓRFÃOS DO IMPERADOR

Produto Filme Documentário
apresentado como Trabalho de
Conclusão do Curso de Graduação em
Jornalismo à Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Escola de Direito,
Negócios e Comunicação, sob
orientação da Professora Doutora
Eliani de Fátima Covem Queiroz.

**Goiânia
2024**

THIAGO LOPES ALONSO

Data de defesa: 11 de dezembro de 2024

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliani de Fátima Covem Queiroz

Profa. Ma. Sabrina Moreira Oliveira

Jornalista Gabriella Victória Felizardo Pinheiro

Dedico este trabalho, primeiramente, aos meus pais, Ivone e Sebastião, que abdicaram e moldaram parte de suas vidas em prol da minha; à minha avó, Maria Antônia, que sempre torceu pelo meu sucesso; e aos meus cachorros, Luluzinha e Malhado, que me alegraram nos momentos mais difíceis durante a construção deste projeto. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Escrever sempre foi um problema para mim. Não no aspecto negativo, mas sim positivo. Isso porque sempre me deixei levar pelas palavras, montando longos textos e, não diferente, também ocorreu isso aqui. Por isso, não foi fácil selecionar à quem eu deveria dedicar e, posteriormente, agradecer por este projeto. Pois então separei em duas partes: pessoas que me apoiaram como o profissional que me formei durante os quatro anos deste curso, e pessoas que me apoiaram neste projeto.

Inicialmente eu não poderia deixar de agradecer a minha família amada, em especial meus pais, Ivone e Sebastião, que abdicaram de grande parte de suas próprias vidas em prol da minha. Que se mudaram, trocaram de trabalho e cidade, tudo por minha causa. Para me dar um futuro melhor. Também quero agradecer à minha avó, Maria Antônia, que me abraçou, me manteve forte e firme em toda a caminhada. Amo vocês.

Quero agradecer à minhas amigas, Gabriella Rodrigues e Julia Gabriela, que me acompanharam em cada momento, cada estresse, cada ansiedade. Desde meu primeiro dia de faculdade (antes mesmo da escolha deste curso), até o final. Eu amo vocês, e obrigado por serem quem são.

Durante este período de graduação também tive duas grandes mudanças: a universidade e o mercado de trabalho, que me moldaram como o profissional que sou hoje, e devo isso muito a Thaís Muniz, minha querida amiga que cedeu seu corrido tempo de trabalho, unicamente para me ajudar, para me ensinar. Também quero agradecer Michel Victor, que mesmo distante, sempre me mostrou que nunca é tarde para persistir. Quando estive por perto, sentou-se ao meu lado e me ensinou como me portar, digitar e me moldar como o profissional que sou hoje.

Já no aspecto deste trabalho, eu tenho que agradecer, primeiramente, à minha orientadora Profa. Dra. Eliani Covem, que além de realizar seu trabalho maravilhosamente, também me prestou todo apoio necessário em cada detalhe. Me auxiliando com fontes, textos, correções, locações e coisas que vão muito além da universidade. Obrigado, professora. Saiba que você foi importante para mim até aqui.

Também quero agradecer às minhas amigas, Giovana Cecília e Cecília Epifânio, que poderiam muito bem estar na parte dos agradecimentos em que me dirigi as pessoas que me acompanharam durante a universidade, mas estão neste bloco, pois também foram essenciais para a produção deste documentário, seja com filmagens, gravações, apoio técnico e até apoio moral. Também sou grato por Ana Beatriz Mello, que juntamente também fez parte disto. Vocês foram minhas companhias diárias, em cada detalhe, muito obrigado. Obrigado também por terem sido minhas companhias de seminários, redações, trabalhos, podcasts e muito mais. Durante toda a graduação vocês foram muito importantes para que eu pudesse chegar até aqui como o Thiago que sou hoje.

*Não falar sobre política
também é política.*

Red Dead Redemption 2

RESUMO:

Orfãos do Imperador é um documentário que aborda um grupo de pessoas adeptas de um movimento político radical – não somente em sua essência, mas na própria existência – e que é ligado aos primórdios do mundo: o monarquismo. O filme aborda as perspectivas destas pessoas, o engajamento delas neste momento, além de trazer contrapontos de pontos de vistas históricos e de estudos políticos para a restauração do Império do Brasil. No filme, foram abordados diferentes aspectos desta pauta, que pode estar ligada além do desejo de implementar um novo sistema de governo, mas também em uma conexão com aspectos sociais, culturais e até mesmo ligados à insatisfações com grupos políticos. Em síntese, o documentário busca compreender como o movimento monarquista persiste no Brasil após mais de 134 anos desde a proclamação da república, e os possíveis percauços para a implementação deste novo sistema político.

PALAVRAS-CHAVE: Império do Brasil, monarquia, sistema político, movimento, monarquista.

ABSTRACT:

Orfãos do Imperador is a documentary that addresses a group of people who are followers of a radical political movement – not only in its essence, but in its very existence – and which is linked to the beginnings of the world: monarchism. The film addresses the perspectives of these people, their engagement at this time, in addition to bringing counterpoints from historical points of view and political studies for the restoration of the Brazilian Empire. In the film, different aspects of this issue were addressed, which may be linked beyond the desire to implement a new government system, but also in connection with social, cultural aspects and even linked to dissatisfaction with political groups. In summary, the documentary seeks to understand how the monarchist movement persists in Brazil after more than 134 years since the proclamation of the republic, and the possibilities lost for the implementation of this new political system.

KEY WORDS: Empire of Brazil, monarchy, political system, movement, monarchist.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	11
REFERENCIAL TEÓRICO	11
1. Documentário	11
1.1 Conceitos e teorias de documentário	11
1.2 Técnicas de produção do documentário	13
1.3 História do documentário no Brasil	15
2. Movimento Pró-Monarquia	19
2.1 História da Família Imperial do Brasil	19
2.2 O movimento Pró-Monarquia.....	22
2.3 Narrativas sobre o movimento de restauração da monarquia	24
CAPÍTULO II.....	27
MEMORIAL	27
CAPÍTULO III.....	31
DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES.....	35
APÊNDICE I ROTEIRO.....	35
APÊNDICE II AUTORIZAÇÃO PARA REPRODUÇÃO.....	48

INTRODUÇÃO

O filme documentário produto deste trabalho, *Órfãos do Imperador*, abrange a existência – e persistência – do movimento que visa restaurar o Império do Brasil, por meio de um sistema monárquico, liderado sobretudo, por um imperador, descendente de Dom Pedro II, o último monarca do país antes da Proclamação da República, em 1889. A principal motivação para a produção deste projeto foi buscar entender como este movimento segue firme, mesmo após quase 135 anos desde o fim do império, se renovando com pessoas engajadas e fiéis de que um dia o Brasil deixará de ser uma república.

Com o fator socio-político e histórico, este documentário busca, por meio de pessoas que fazem parte do movimento, entender as motivações por trás deste anseio, e quais os problemas que estes indivíduos enxergam no contexto atual do país, seja político, com um presidente e governadores ligados à partidos, ou até mesmo social, de como estas pessoas enxergam a participação – ou falta dela – do republicanismo sob a vivência prática da população.

Por outro lado, no decorrer deste produto, especialistas refutaram uma série de argumentos, como Luiz Carlos Fernandes (2024)¹, que definiu o movimento apenas como um sentimento nostálgico, que relembra a história do que já foi, além de qualquer outro fator maior. Por outro lado, fatores históricos estariam ligados diretamente a estas mobilizações, uma vez que o Brasil, como Império, já fora algo diferente do que é hoje, retomando os conceitos de lembrança citados pelo autor.

A produção deste documentário visa não apenas explorar o aspecto factual e histórico do movimento monarquista no Brasil, mas também se aprofundar nas questões ideológicas e emocionais que sustentam essa causa ao longo das décadas. A partir de entrevistas e análises, foram examinados como os ideais de monarquia têm sido reapropriados por diferentes gerações, que, insatisfeitas com as falhas percebidas no sistema republicano, buscam no passado uma solução para o futuro do país. Este trabalho, portanto, não só documenta as visões e os argumentos dos monarquistas, mas também contrapõe essas ideias com as análises de especialistas em história e ciência política, que oferecem perspectivas críticas sobre as implicações e limitações de um retorno ao modelo imperial.

O produto também busca evidenciar como o movimento monarquista no Brasil se adapta aos desafios da era contemporânea, empregando redes sociais, campanhas e estratégias modernas para ampliar seu alcance. Diante disso, o documentário explora os obstáculos e desafios que o movimento enfrenta, como a oposição pública e as limitações constitucionais para uma transição de governo.

¹ Parte de entrevista transcrita do documentário *Órfãos do Imperador*, 2024.

Especialistas discutem as dificuldades práticas e os potenciais riscos de uma restauração monárquica, incluindo a possível perda de conquistas democráticas e um retrocesso nos direitos civis.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Documentário

Um documentário é uma obra de cinema que visa relatar ocorrências reais de maneira objetiva ou não, mas sempre informativa. O filme documentário segue princípios éticos e técnicas, apresentando entrevistas, imagens de arquivo e cenas filmadas para informar o público sobre questões importantes, eventos atuais, ou simplesmente, uma visão de um ponto.

Em sua essência, a forma audiovisual permite uma abordagem mais visual e imersiva, evocando emoções e empatia no público. Apesar dessas vantagens, o documentário enfrenta desafios como lidar com questões éticas complexas como, por exemplo, o consentimento dos entrevistados e a forma como aparecem no filme.

1.1. Conceitos e teorias de documentário

A técnica cinematográfica se firmou na observação e registro imagético da representação da vida social. Nessa direção, a arte documental se consolida como uma forma ainda mais nua deste retrato. Conforme Jorge (2010, p. 1), “o cinema se consolidou na estética da observação da representação da vida social”.

O autor ainda reforça que toda obra audiovisual possui esse caráter documental, seja ela ficcional ou não. Além de contar com o olhar crítico do documentarista que está compondo o produto: “o que distingue a obra é a intencionalidade de quem a produziu” (JORGE, 2010).

O documentário, e o cinema como um todo, é um olhar da realidade, com recortes específicos, representados por meio de imagens que constituem e constroem uma história para quem assiste. Os contextos sócio-históricos são compreendidos conforme apresentados no filme, que pode ser montado, seja no processo de edição ou na filmagem, conforme pretendido pelo documentarista.

Para isso, o realizador, pode ou não, se inserir num grupo social ou ambiente para que o objetivo se consolide com mais eficácia. Neste, o cineasta pode se envolver mais rigorosamente e criativamente na narrativa. Assumindo uma objetividade diante da realidade, quase como um personagem.

O documentário é o resultado de um processo intrínseco, com diversas complexidades, que vão desde a idealização, observação ao registro das cenas e imagens. Contudo, o objeto requer

habilidade por parte de todos os agentes que estejam envolvidos, sejam eles produtores, editores, cineastas ou personagens. (DA-RIN, 2004).

Uma das diferenças entre um documentário a um filme ficcional é o poder de mostrar a verdade, mesmo que enviesada, mas com fatos pragmáticos e realísticos. O documentário não irá contar uma história – ou melhor, uma estória – irreal, mas de seu modo, apresentará situações que aconteceram em meios sociais e históricos, sejam eles modernos ou antecedentes. Formando uma narrativa na qual seja compreendida pelo espectador, ou até mesmo pelas próprias personagens inseridas.

Apesar das diferenças, ao longo da evolução do cinema, a ficção e a não-ficção sempre tiveram a oportunidade de dialogar. Seja pela influência mútua que uma exerce sobre a outra, bem como pela condição de confronto estabelecida por estudiosos que buscam compreender as semelhanças e diferenças entre essas duas formas de expressão cinematográfica. Esse diálogo enriquece o meio cinematográfico, permitindo que as fronteiras entre ficção e realidade sejam constantemente exploradas e questionadas, contribuindo para a diversidade e a complexidade das obras produzidas.

Nichols (2010) classificou os filmes documentários em seis modos, incluindo o poético, o participativo, o reflexivo e o performático, além dos já mencionados expositivo e observativo.

No modo expositivo, o autor considera que as informações são apresentadas de forma direta, utilizando narração, entrevistas e até imagens de arquivo para transmitir fatos e argumentos de maneira clara e objetiva. Já o modo observativo busca uma abordagem neutra e contemplativa, registrando eventos e comportamentos sem interferência do cineasta, buscando capturar a realidade de forma autêntica e imparcial.

Além desses modos, existem outros que ampliam a compreensão sobre o documentário. O modo poético busca uma expressão artística e estética, transmitindo emoções e ideias de maneira subjetiva, muitas vezes simbólica ou metafórica. No modo participativo, há uma interação direta entre o cineasta, os personagens e o público, promovendo diferentes perspectivas e debates.

O modo reflexivo envolve uma reflexão sobre o próprio processo de criação do filme, questionando as decisões éticas e a natureza subjetiva do documentário. Por fim, o modo performático enfoca a presença física e a performance dos sujeitos filmados, usando técnicas teatrais e estilísticas para criar uma experiência artística e expressiva.

1.2. Técnicas de produção de documentário

No campo do audiovisual, os documentários representam uma forma singular de representar a realidade, mesclando aspectos informativos e artísticos para transmitir uma mensagem ao público. Para realizar o filme são necessárias algumas etapas, especificamente a pesquisa, produção, gravação, decupagem, roteiro e montagem.

A pesquisa é uma das etapas primordiais na produção de um documentário, pois é por meio dela que se tem toda uma base do que irá ser o material final. Nessa fase, o realizador busca informações, documentos, imagens, fontes e personagens, que vão ditar a base do que será o filme.

Este estágio envolve diversas atividades, que vão desde a busca por fontes confiáveis, com levantamento histórico e atualizado, além da identificação de personagens que podem vir a conduzir a narrativa do documentário. Além disso, a pesquisa também inclui a verificação da veracidade das informações à serem abordadas.

A produção de um documentário vai muito além de um planejamento, onde se organizam datas e filmagens. É um processo complexo e que necessita do uso de muitas técnicas, um trabalho árduo, mas que pode recompensar toda a equipe. Para este processo, são utilizados diversos métodos, que se bem aplicados, resultam em um filme exemplar.

Na etapa da produção o cineasta começa os trabalhos práticos, que incluem marcar entrevistas e contatar as fontes, de forma que isso se encaixe nas locações das cenas, assim como as autorizações destas, quando feitas em locais públicos ou privados.

É na produção que o autor da obra irá realizar todo o trabalho pré-filmagem, estabelecendo os últimos detalhes para que esta próxima etapa saia tudo bem, sem percalços maiores.

Após definido, se inicia a filmagem, a gravação. É neste ponto do processo que o autor grava as entrevistas do filme, que vão conduzir a narrativa. Após todas as fontes, o autor também grava as imagens que serão utilizadas para ilustrar a obra. Desde cenas de locais, detalhes, até mesmo cenas das pessoas envolvidas.

Nesta etapa, o cineasta utiliza técnicas especiais na direção da câmera. Utilizando planos fechados, abertos, plongée, e tudo que achar necessário, de forma que acrescente artisticamente a obra.

Com as técnicas bem aplicadas, o documentário pode apresentar perspectivas diferentes da nua e crua reportagem. De acordo com Lins (2007), os filmes de Eduardo Coutinho, Cao Guimarães, João Moreira Salles, Sandra Kogut e Kiko Goiffman, são singulares entre si, e de formas diferentes,

apresentam técnicas únicas de gravação.

Para esses diretores, o mundo não está pronto para ser filmado, mas em constante transformação; e a filmagem não apenas intensifica essa mudança, mas pode até mesmo provocar acontecimentos para serem especialmente capturados pela câmera (LINS, p. 45, 2007).

Apesar de funcionar como uma etapa única, a filmagem é essencial para definir todo o projeto. É neste momento que a atmosfera do filme é definida. Independentemente de roteiro ou entrevistados, a gravação define quais serão as sensações a serem representadas e sentidas pelo telespectador. O cineasta gravar pensando também, na montagem, que é uma das etapas principais, com a angulação da câmera em pontos que podem melhor se encaixar posteriormente.

Conforme dito pelo cineasta Eduardo Coutinho, um dos grandes nomes do audiovisual brasileiro, assim como o roteiro, a entrevista é um dos principais pontos do filme e pode ser executada de diferentes formas. O diretor utiliza, de forma única, assinaturas em seus projetos. “Sobretudo porque seus filmes não falam de fora, mas de dentro da relação do cineasta com os personagens que retrata” (FROCHTENGARTEN, 2009, p. 126),

Esta é apenas uma das formas de se conduzir um documentário, mas conforme estudado por outros pesquisadores, há uma pluralidade na produção destas obras. Wainer (2010, p. 71), apresenta métodos como a escrita em caracteres, que substitui a tradicional ‘leitura’. “Entende-se que cada recurso retórico tem oportunidades de aplicação e uma carga de implicações”.

Ao mesmo tempo que utiliza a escrita, aproveita para experimentar outros métodos já conhecidos, mas adaptados para o filme documentário. O autor também referencia o termo voz-over como um grande condutor da trama, ligando o texto lido e externo à ação que se assiste. “De forma usual, oferecendo contexto à ação (data, local). Mas podem se constituir em importante recurso narrativo” (Wainer, p. 72). Conforme dito, as falas constituem grande parte do que se pode considerar um documentário comum. Ocupando de 80 a 90% do tempo do audiovisual e é, portanto, um objeto importante no desenho de produção.

Com tudo gravado, vem a decupagem. A decupagem nada mais é que a divisão do roteiro em cenas, sequências. Algo como um “roteiro técnico” para definir como será a montagem da obra.

Nesta etapa, é importante saber encaixar bem como será a obra. “Uma decupagem mal feita pode resultar em um filme ruim. Este processo, quando feito pelo diretor, se inicia pela análise de cada uma das cenas” (PUCCINI, p. 152, 2007). Para o autor:

A decupagem técnica da cena em planos menores coloca o espectador em um espaço ideal, e hipotético, situado dentro da cena, ao mesmo tempo em que tende a apagar a presença da

câmera e daquele que opera a câmera. (p. 153, 2007).

Decupagem feita, entra em cena o roteiro. O roteiro e a decupagem são quase como duas técnicas em uma só. O roteiro é uma espécie de decupagem para a montagem de cenas, enquanto a decupagem é uma forma de roteirizar o que será editado, e como será feito.

Para isso, é importante que o roteiro seja escrito de maneira clara e bem organizada para facilitar a busca das sequências durante o processo de montagem (PUCCINI, p. 190, 2007). Conforme o autor, é de suma importância um roteiro durante as etapas de um filme. Este, pode ser feito antes, ou depois da filmagem. Mas, dado o formato documental, é mais usual a forma posterior as gravações. Isso porque, não se sabe exatamente o que cada fonte deve dizer, principalmente em temas complexos ou íntimos.

Nesta etapa, pontos importantes como a transcrição das entrevistas e das imagens são feitas, que posteriormente se alinharão na montagem.

Pois é na montagem, a última etapa técnica, que se inicia o processo prático do filme, quando ele começa a tomar forma. Este pode ser feito com a presença do diretor, ou não. Mas, caso considere necessário, o diretor pode acompanhar tudo, de modo que fique como imaginou.

“O filme agora será resultado de um árduo trabalho de montagem, montagem esta que será feita a partir de muito material filmado” (PUCCINI, p. 19, 2007). Nesta etapa é importante saber lidar com imprevistos das filmagens. Cenas extras que seriam descartadas podem, muitas vezes, serem utilizadas na montagem. Isso porque estas, podem auxiliar na criação de uma atmosfera.

Este processo pode passar por diversas versões até que chegue a um produto final. Pois o cineasta pode criar diversas formas de contar aquela história, de forma cronológica, intercalando histórias e entrevistas, ou até mesmo tentando encaixar cenários que cronologicamente não tenham tanto significado.

O diretor também pode criar duas versões de montagem, muitas vezes se tornando o tão famoso “corte do diretor”, um para as mídias, um para mostrar sua verdadeira visão. Um com tamanho reduzido, um com o que já tinha imaginado. A montagem é parte essencial, pois define o projeto final, o que ele é no final das contas (PUCCINI, p. 190, 2007),

1.3. História do documentário no Brasil

A história do cinema no Brasil se entrelaça ao próprio cinema mundial, isso porque a novidade chegou por aqui em 1896, um ano após a primeira exibição de um filme, quando em 1895, os irmãos

Louis e Auguste Lumière projetaram um filme pela primeira vez, em um café em Paris.

No Brasil, as primeiras exhibições foram realizadas no Rio de Janeiro e depois em São Paulo. Com o tempo, o público foi tomando gosto pela novidade que foi se espalhando pelo país. A primeira sala fixa de exibição foi instalada na cidade maravilhosa, e era propriedade de um italiano chamado Pascoal Segreto (GONÇALVES, 2006). O empresário teria se inspirado em outros estabelecimentos que ele já havia visto em algumas de suas viagens constantes para Paris ou Nova Iorque.

De acordo com o autor, foi em uma dessas viagens que o irmão do imigrante criou a primeira “tomada de vista”, como era chamada uma nova técnica de filmagem usada na época. Afonso Segreto realizou a primeira imagem do cinema brasileiro, filmando a Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro, a bordo do navio “Brésil”, que retornava de Paris. Deste dia em diante, a técnica tomou forma e foi bastante usada até meados de 1906.

Assim estava firmado o cinema no Brasil, que com o passar dos anos cada dia vinha recebendo mais investimento e apreço do público. No entanto, uma nova ‘revolução’ no meio viria a acontecer algumas décadas depois. Chamada de “cinema novo”, por meados dos anos 1960, esta nova etapa começa a germinar em debates e Congressos de Cinema realizados no período de 1952 a 1953 (ALTAFINI, 1996).

Conforme o autor, estas lutas vieram a se estabelecer no cinema moderno e moldaram como funciona o audiovisual hoje.

Quase nada do que se fez depois deixou de trazer a marca das conquistas obtidas nos Congressos. A consciência da inferioridade econômica do cinema brasileiro em seu próprio território, sublinhada ao mesmo tempo pela conscientização cultural de um cinema de possibilidades revolucionárias, principiou nas discussões travadas nesses congressos (ALTAFINI, p. 10, 1996).

Desta forma, uma nova geração de cineastas surgiu, sempre com uma visão crítica e de impacto ao meio audiovisual brasileiro. Dentre estes, existia uma ruptura com as teorias de cinema tradicionais, e uma aproximação cada vez mais intensa com o que já era praticado internacionalmente.

Essas obras vinham com um teor de crítica à desigualdade social que se tornou proeminente no Brasil durante os anos 1960 e 1970. Dois documentários são considerados precursores do Cinema Novo. O primeiro é Arraial do Cabo (1959), de Paulo César Saraceni em parceria com o fotógrafo Mário Carneiro. O filme foi rodado inteiramente em locações externas, retratando a vida social de uma comunidade de pescadores dissolvida pela instalação de uma indústria nas redondezas.

Já Linduarte Noronha foi o responsável pela segunda obra que ‘abriu as portas’ para o Cinema

Novo, o documentário *Aruanda* (1960). O filme abordava a vida de uma comunidade rural de negros que havia sido escravizada no passado.

Estes cineastas representam algumas das facetas deste movimento, que também teve muita influência de Eduardo Coutinho, um dos nomes mais importantes do Cinema Novo, que se consolidou como um dos maiores documentaristas brasileiros.

O diretor produziu um dos filmes mais polêmicos e importantes do período: “*Cabra marcado para morrer*”, que teve uma produção conturbada por ter parte de sua realização interrompida pela Ditadura Militar. O nome, por si só, já diz o porquê. O documentário se tratava da vida de João Pedro Teixeira, líder da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba, assassinado por ordem de latifundiários em 1962.

A produção só foi retomada dezessete anos depois, em 1984, durante o fim do comando dos militares no Brasil. No entanto, com o passar dos anos, a história tomou um rumo diferente, pois Coutinho precisou entrevistar Elizabeth Teixeira, esposa de João Pedro. O que ele não sabia, é que 19 anos depois da morte do marido, a mulher vivia escondida clandestinamente com os filhos. Assim, o filme se tornou duas histórias em uma só: a de João Pedro e a da esposa.

O documentário foi considerado uma verdadeira obra prima, até hoje considerado como uma das maiores obras da cinematografia mundial (ALTAFINI, p. 17, 1996).

O filme persegue a história através da versão do oprimido e a contrapõe com a versão oficial do fato. Para isso o diretor usa os depoimentos daqueles que viveram os fatos e recortes de notícias “plantadas” pelos órgãos oficiais do governo na ocasião. O realizador trata as informações oficiais com um desprezo diferente do que um historiador ou um jornalista faria, o desprezo de uma pessoa que vivenciou aquele passado e mostra, até com certa ironia, as inverdades que eram transmitidas pelos impressos.

Tal documentário influenciou – e segue influenciando – outras produções que vieram depois. Com o reconhecimento desta, o Brasil se abriu para o mercado internacional, em especial aos críticos e importantes premiações, como o Oscar, por exemplo.

Destaque para *Lixo Extraordinário*, lançado em 2011 pelos diretores Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley, que foi o primeiro documentário brasileiro indicado na categoria Melhor Documentário, no Oscar. O longa retrata o fotógrafo e artista plástico Vik Muniz, que fotografa catadores de material reciclável no Jardim Gramacho, localizado na cidade de Duque de Caxias (RJ), que foi um dos maiores aterros sanitários do mundo. A produção das fotografias e o trabalho dos catadores na elaboração artística das fotos junto com o fotógrafo mostra um processo que mudou a vida deles. Apesar de não ter ganhado o Oscar, ficou entre os cinco melhores documentários naquele

ano e também foi premiado no Festival de Berlim de 2010, um dos mais importantes do audiovisual internacional.

Após Lixo Extraordinário abrir as portas para o Brasil na premiação mais importante do cinema, foi a vez de Sal da Terra (2015), filme de Juliano Salgado e Wim Wenders, ser indicado ao Oscar.

O longa retrata a trajetória do renomado fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, desde seus primeiros trabalhos em Serra Pelada, localizada na região norte do Brasil, o registro da miséria na África e no Nordeste do Brasil até o lançamento de sua obra-prima, "Gênesis".

"Sal da Terra" levou para casa os troféus César de Melhor Documentário e o Prêmio Platino de Melhor Documentário, além da indicação ao Oscar na categoria de Melhor Documentário. Também não levou a estatueta, mas ganhou projeção internacional com a indicação.

Após isso, o documentário "Democracia em Vertigem" de Petra Costa, ganhou o mundo em 2019, ao ser lançado pela empresa de streaming Netflix.

O filme aborda o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016 e a polarização política entre o Partido dos Trabalhadores (PT), de centro-esquerda, com a extrema direita representada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. O filme gerou controversas, mas foi aclamado pela crítica local e mundial, rendendo a indicação de Melhor Documentário no Oscar de 2020 e prêmios internacionais nos festivais Platino Award for Best Documentary e Peabody Award – Documentary.

Estes filmes foram apenas algumas das obras que mostraram ao mundo que o Brasil desponta como produtor de documentários. Assim, novos lançamentos nos anos de 2023 e 2024 vieram para disputar possíveis vagas.

Entre estes, Retratos Fantasma (2023) do diretor Kleber Mendonça Filho, chegou a estar na lista de indicação na categoria Melhor Filme Internacional no Oscar de 2024, mas não se firmou na lista final. O longa combina imagens de arquivo, clipes e lembranças pessoais do diretor acerca da rotina de ida ao cinema de rua. A obra, que se inspira nas concepções do Cinema Novo, retrata o esquecimento dos clássicos cinemas tradicionais em detrimento das grandes corporações em shoppings.

Outro documentário que se destacou no ano de 2023 foi "Ato Final", da cineasta Roberta Fernandes, que mistura a técnica clássica documental com ficção. No longa, as personagens principais estão mortas, vítimas de feminicídio. Contando com três atrizes para representá-las, a trama conta cada uma das histórias por meio de experimentações artísticas no palco. Ao mesmo tempo, um grupo de sobreviventes da violência contra a mulher luta para apoiar outras vítimas que, como elas,

passaram pelas dores e traumas de uma relação abusiva. A ousadia e inovação do projeto o alavancou como uma das principais obras do gênero em 2023.

O documentário “Somos Guardiões” (2023) traz à luz pessoas comuns que se dedicam a salvar a Amazônia e a proteger os povos indígenas contra a destruição da floresta. Com Leonardo DiCaprio entre os produtores, a narrativa mergulha no cerne da máquina econômica por trás do desmatamento desenfreado na região, mostrando suas consequências devastadoras para o meio ambiente e para as comunidades locais. Recebendo três prêmios nacionais e internacionais, além de ser destaque na COP 28, o filme destaca a importância urgente de enfrentar esse desafio global.

2. Movimento Pró-Monarquia

Em meio a instabilidades políticas, um movimento que visa restaurar o que um dia foi o Império no Brasil, com uma família reinante de forma hereditária, tem se tornando cada vez mais frequente nas redes sociais. Este modelo visa abolir a república e o presidencialismo, instaurando um novo tipo de governo no país, restaurando ideais vistos durante o período de 1822-1829, quando o Brasil passou por dois monarcas: Dom Pedro I e Dom Pedro II.

Atualmente, o movimento tem ganhado mais força nas redes sociais, muito por conta da própria Casa Imperial do Brasil (comandada pelos descendentes dos imperadores), assim como por apoiadores, que se mostraram adeptos à causa.

2.1. História da família imperial no Brasil

Definir um país de mais de 500 anos de história não é fácil, mas como na maioria dos países descobertos nos séculos XIV e XV, grandes e poderosas famílias monárquicas estão ligadas a estas fundações. No Brasil, isso não foi diferente, com a fundação sendo intrinsecamente ligada a vinda da Família Real Portuguesa para as terras, que hoje, são chamadas de Brasil. Foi o surgimento do que viria a ser a Família Imperial do Brasil (NÓBREGA, 2024).

Este grupo que, mais tarde, lideraria as terras do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, teve início com o matrimônio de D. Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina, da Áustria em 1817. Eles, que de fato, recomeçaram um novo ramo da linhagem da família, que inicialmente era portuguesa.

Assim como outros casamentos daquele período, essa se deu para cumprir com as demandas políticas e diplomáticas, além de preservar a tradição dos casamentos entre os nobres. Dessa forma,

nove filhos, entre eles D. Pedro II, surgiam deste casamento. Sendo que eles ficaram conhecidos, até hoje, como príncipes e princesas no Brasil, e descendentes de D. Pedro I.

Dessa forma, uma extensa árvore genealógica foi se formando ao redor do filho de D. João VI, que teria deixado o trono brasileiro para o herdeiro. Após essa “passagem de bastão”, D. Pedro I, que já era casado com D. Leopoldina, teve sete filhos, sendo que a primogênita, D. Maria da Glória, nascida em 1819, não pôde herdar a coroa, por ser uma mulher, visto que naquela época mulheres só poderiam ascender se não houvessem filhos homens. Logo, a passagem estava livre para o segundo filho, D. Miguel (nascido em 1820) e o terceiro, D. João Carlos (1821). Contudo, os jovens não resistiram e faleceram ainda quando bebês, antes mesmo que pudessem herdar o trono, dando espaço ao único filho homem vivo, D. Pedro (1825), que mais tarde, se tornaria D. Pedro II, o sucessor do trono. Vale lembrar que D. Pedro I e D. Leopoldina tiveram outras três filhas mais velhas que Pedro, sendo as princesas D. Januária (1822), D. Paula (1823) e D. Francisca (1824), no entanto, por se tratarem de damas, o irmão mais novo sobressaiu na corrida imperial.

Já adulto e atuando como chefe de Estado do Império do Brasil, D. Pedro II se casou com D. Theresa Cristina Maria, nascida como Princesa do Reino das Duas Sicílias, ela era filha do rei Francisco I das Duas Sicílias, pertencente ao ramo italiano da Casa de Bourbon. Assim, o casal teve o primeiro filho, D. Afonso Pedro (1845), que seria o herdeiro do trono, contudo, o pequeno não resistiu, falecendo aos dois anos de idade, após uma crise de epilepsia. O casal ainda teve outro filho homem, Pedro Afonso que nasceu em 1848, mas, assim como irmão, morreu prematuramente, em consequência de uma febre com apenas um ano de idade. Logo, as irmãs mais velhas, D. Isabel e D. Leopoldina ficaram livres para a ascendência.

Como primeira na linha de sucesso a Princesa Imperial do Brasil D. Isabel Cristina, atuou diversas vezes como governante regente durante as ausências do pai, sejam em viagens, compromissos reais ou problemas de saúde. Por isso, ela ficou muito conhecida em sua época, sendo lembrada até hoje. Um dos principais feitos como regente, foi a assinatura da Lei Nº 3.353, de 13 de maio de 1888, conhecida como Lei Aurea, que deu fim ao período de escravidão no país.

Apesar disso, foi essa lei que deu fim ao Império do Brasil, pois, após pressões e um golpe de Estado, foi instaurada a República do Brasil, o que expulsou a Família Imperial do país.

Os anos se passaram, o número de descendentes da Família Imperial Brasileira aumentava, os militares tomaram o poder na República em 1889, e, diante disso, a Família Imperial teve que ser exilada na Europa, a fim de evitar conturbações políticas, retornando ao Brasil somente 32 anos depois, país onde estão até hoje (NÓBREGA, 2024).

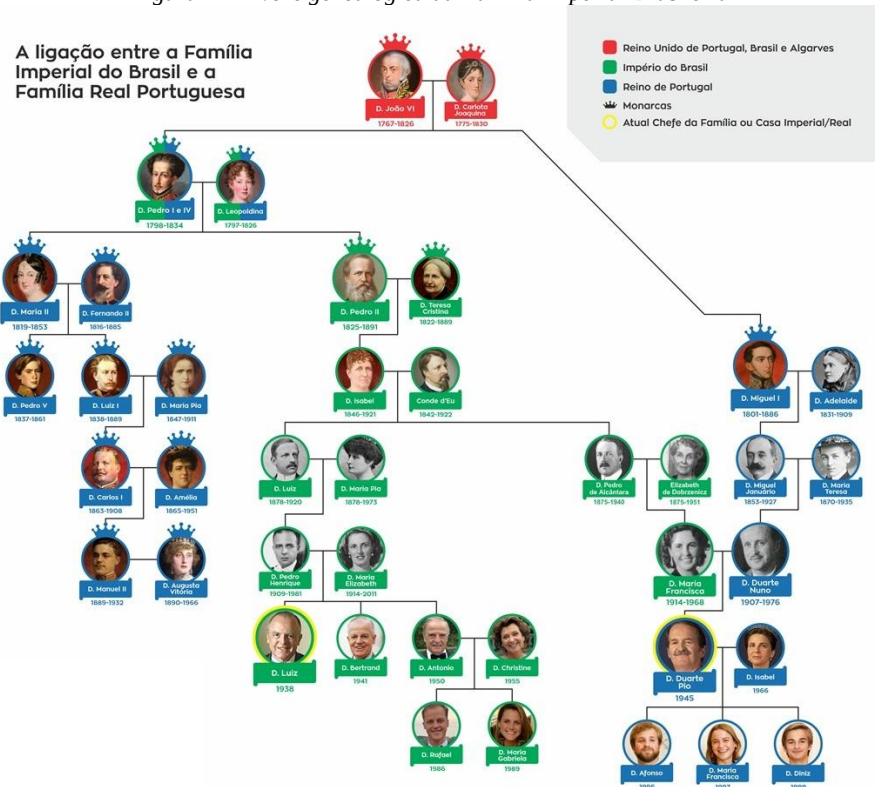
Mesmo fora do país, a tradição monárquica continuou presente em toda a família, na qual

continuou fazendo acordos internacionais, na esperança de que algum dia fosse restaurada a monarquia no Brasil.

Já casada em 1864, D. Isabel teve três filhos: D. Pedro de Alcântara, D. Luís de Orleans e Bragança e D. Antônio Orleans e Bragança. Sendo que o primogênito, D. Pedro, formou o ramo de Petrópolis, e o segundo filho, D. Luís, o ramo de Vassouras. Este segundo formou a Casa Imperial do Brasil, que existe até hoje (REDAÇÃO DO SITE MONARQUIA.ORG, 2024).

D. Luís foi sucedido pelo seu primogênito, D. Pedro Henrique, que casado com D. Maria Elizabeth da Baviera, teve três filhos: D. Luís, D. Bertrand e D. Antônio. Falecido em 2022, D. Luís, o mais velho, passou a chefia da Casa Imperial do Brasil para D. Bertrand, que ainda é vivo. Sucedido por ele estão, D. Antônio, o irmão, D. Rafael, D. Maria Gabriela, D. Leonora e, por fim, o Príncipe Henri.

Figura 1 - Árvore genealógica da Família Imperial Brasileira



Fonte: Página Pró-Monarquia no Facebook².

Além da árvore genealógica principal, existem nomes relevantes na linha imperial do Brasil, como Luiz Philippe de Orléans e Bragança, que é deputado federal do Brasil pelo Partido Liberal (PL

² Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/1815WsVwNy/>. Acesso em 25 de novembro de 2024.

– SP). Ele é filho de Eudes Maria Rainier de Orléans e Bragança, que é filho de D. Pedro Henrique, Príncipe do Brasil e da princesa Maria Isabel da Baviera (REDAÇÃO DO SITE MONARQUIA, 2024).

2.2. O movimento Pró-Monarquia

Com o advento dos descendentes da Família Imperial do Brasil às redes sociais, junto a isso, surgiu um crescente movimento intitulado como “Pró-Monarquia”, no qual pessoas chamadas de “monarquistas” se engajam em restaurar o que um dia foi o Império no Brasil. Entre estas pessoas, grupos se formaram, como o Instituto Brasil Imperial, o Círculo Monárquico Brasileiro, o Causa Imperial e o Instituto Brasileiro de Estudos Monárquicos (além do Pró-Monarquia, mais organicamente ligado à própria Família Imperial) (QUADROS, p. 16, 2017).

Esse desejo de uma possível volta de tempos anteriores pode ter se iniciado devido a uma frustração com uma república não tão eficaz quanto se propaga. Isso porque, com anos de um sistema fragilizado, como a República Velha e os diversos golpes vividos pelo governo, estes grupos tenham se ancorado a um passado não tão amargo assim, com toques de nostalgia – muitas vezes, como a própria palavra remete: a ânsia de voltar para casa, para um lugar onde se sentiam confortáveis, mesmo que, muitas vezes isso seja uma falsa sensação, na qual foram apagadas o problema deste antigo sistema, o mal estar da nostalgia. (BOYM, p. 153, 2001).

Aliados à uma aprovação do conservadorismo, ainda que próximo de partidos de direita e extrema direita, de forma mais rígida, relembrando passados e anseios de um Brasil ainda mais ‘tradicional’ e religioso, no qual a religião oficial era o Catolicismo.

Anseios este que, em um fio de esperança, puderam ser parcialmente correspondidos, quando em 1993, o próprio Governo Federal decidiu abrir um plebiscito, onde os brasileiros decidiriam se queriam a volta do regime monárquico, ou a continuação da república, como estava. Plebiscito este, que foi requerido pelo próprio chefe da Casa Imperial do Brasil à época, requerendo, como de direito, a votação, que estava presente na constituição de 1891.

A ser recusada a liberdade a que temos direito, que resultaria disso? Para os próprios republicanos, apenas desprestígio aos olhos da população mundial. Pois ficaria patente que, decorrido quase um século da proclamação da República, esta última ainda não sente arraigo popular suficiente para ser coerente consigo mesma e enfrentar sem apreensões a oposição monárquica. O que mostraria consciência de que esse espírito monárquico ainda lateja no fundo do coração de incontáveis brasileiros (BRAGANÇA, 1987, p. 15).

Porém, o esforço não logrou êxito, com apenas 10,25% dos eleitores optando pela monarquia

(6.790.751 pessoas). Importante ressaltar que a questão dinástica foi um elemento que contribuiu para dificultar a campanha, expondo uma ferida que constrange os defensores da restauração no Brasil, até hoje (QUADROS, p. 21, 2017).

Desde então, este sonho de restauração parece estar se perdendo, com os apoiadores se dispersando cada vez mais do que um dia foi o trono Imperial no Brasil. Antes disso, os monarquistas já vinham enfrentando outras derrotas, quando, em 1896 (poucos anos após a declaração da República do Brasil) o então PM-SP - Partido Monarquista de São Paulo teve o registro cassado pelo governo, sendo dissolvido.

Apesar dos esforços frustrados, o movimento segue ativo, com uma série de pedidos de filiação de partidos imperiais no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), entre eles o Partido da Real Democracia (PRD), Construção Imperial (PCI), o Monárquico Parlamentarista Brasileiro (PMPB) e o do Movimento Monarquista do Brasil (PMMB), sendo que, desde 2012, nenhum foi aprovado (REDAÇÃO DO SITE GAZETA DO POVO, 2024).

Nenhum deles obteve registro definitivo do TSE, nem constam mais na página de partidos em formação. Atualmente, há um único partido com menção ao ‘real’ – o RPD: Real Democracia Parlamentar. Ao contrário do que o nome pode indicar, esse partido tem orientação parlamentarista (REDAÇÃO DO SITE GAZETA DO POVO, 2024).

Estas iniciativas, porém, não foram apoiadas nem mesmo pela própria Casa Imperial do Brasil (que, em uma situação onde ocorreria a volta do sistema monárquico, seria a responsável). Em 2013, o presidente do Conselho de Administração da Pró Monarquia publicou um comunicado afirmando que a Casa Imperial do Brasil “não promove, e nem mesmo apoia, a formação de um partido político monarquista”, por se tratarem de um movimento suprapartidário.

Em tempos atuais, este movimento tem se concentrado principalmente por meio da Casa Imperial do Brasil, que nomeou a iniciativa como “Pró-Monarquia”. No próprio site da instituição há uma aba com as tais propostas de restauração, dentro de termos “legais”. Na aba, existem “Propostas Básicas”, nas quais o – autointitulado príncipe - D. Luiz de Orleans e Bragança, então Chefe da Casa Imperial do Brasil, aprovou em 3 de maio de 1991, quando assumiu o posto. Seu sucessor, D. Bertrand revisou esses termos em maio de 2023.

Entre os principais pontos do projeto estão a restauração de uma monarquia hereditária, reconhecendo o Chefe da Casa Imperial como o legítimo detentor dos direitos à Coroa, sendo proclamado como Sua Alteza Imperial. Também existe uma cláusula que institui uma célula-mãe da sociedade e fundamento da Civilização Cristã, mudando os aspectos atuais, de estado laico. Também

é proposto a criação de um novo poder, chamado Poder Moderador, sob direção do Imperador, assim como uma ‘reforma’ no Poder Executivo, exercido por um Primeiro Ministro. Além de “uma ampla confraternização de todos os brasileiros em torno de um comum objetivo, esquecidos seus ódios, malquerenças e divisões de qualquer espécie”.

Apesar desses termos, os apoiadores se mostram adeptos a mudanças, a fim de ‘modernizar’ e jovializar a causa, visto que os principais nomes por trás dela não apresentem imagens conjuntas com um público mais jovem. Como canais do Youtube, como o “TV Imperial”, que busca difundir a ideia para um público ainda maior e mais ligados ao movimento. Perfis como “Von Regium”, “Gaúchos Monarquistas” e a “Frente Monárquica Brasileira” também ampliam esta abrangência. Em Goiás também existem apoiadores, como o grupo Liga Azul Monarquista, com apoiadores de Anápolis e a página Sou Monarquista.

Além disso, nomes populares no país, como políticos e celebridades já se mostraram adeptos, ou pelo menos simpatizantes a causa, como a deputada federal Carla Zambelli e o advogado Paulo Amador da Cunha Bueno, conhecido por estar ligado ao ex-presidente Jair Bolsonaro. O atual governador do Estado de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas também já se mostrou diversas vezes favorável a causa, assim como a atriz e apresentadora Cissa Guimarães, que em 2016, se envolveu em polêmicas ao elogiar o modelo de governo, além de também ter feito campanha para o plebiscito de 1993. Além disso, até mesmo o piloto de Fórmula 1, Ayrton Senna, quando vivo, já declarou apoiar o modelo de monarquista no Brasil.

No dia 8 de novembro de 2024, morreu no Rio de Janeiro Dom Antônio Orleans e Bragança, herdeiro da Família Real Brasileira, com 74 anos. Bisneto da Princesa Isabel e trineto de Dom Pedro II, Dom Antônio era príncipe imperial do Brasil e o segundo na linha de sucessão, que tem Dom Bertrand como chefe da Casa Imperial (G1RIO, 2024).

2.3. Narrativas sobre o movimento Pró-Monarquia

Descontentes com a atual conjuntura política do Brasil, pessoas comuns tem se envolvido no movimento que visa a restauração da monarquia no país, uma vez que não veem mais no sistema atual uma solução para os problemas. Estes indivíduos, que tem se engajado de diferentes formas, acabam por se reunirem de algumas formas, seja pela internet, por meio de grupos nas redes sociais, ou até pessoalmente, em encontros periodicamente. Um destes exemplos é uma pequena comunidade de monarquistas na cidade de Anápolis, terceira maior cidade do estado de Goiás, situada a pouco mais de 59 km de Goiânia.

Na localidade, manifestantes declarados se reúnem e fazem palestras, dão entrevistas e até fazem exposições abertamente sobre a temática. Um destes exemplos é o historiador Jairo Alves Leite, que, ao montar a exposição “Anápolis conquista América”, expressou o apreço pela monarquia brasileira, “Enquanto historiador me interessei muito pelas histórias do Brasil Império, e foi muito interessante quando acabei descobrindo essa família imperial.” (JAIRO ALVES LEITE, 2024)³. Segundo o monarquista, apesar de não ver apenas coisas ruins na atual conjuntura republicana, um sistema monarquista proporcionaria ao país muito mais avanços, uma vez que, de acordo com ele, o Brasil tem sido alvos de muitos desmandos. “A condução do Brasil pode ser revista e a sociedade por meio do conhecimento, dos desmandos, das falcaturas, também desse poder político que chega ao poder, às vezes sem o apoio da população, tem que rever muita coisa”.

Ponto também enfatizado por Fernando Ganim, especialista em numismática, que afirmou ter aprendido sobre o Império enquanto estudava as moedas. “Muito da história que eu via nos livros, não condizia com aquela história que tava na minha mão” (FERNANDO GANIM, 2024)⁴. Segundo o entusiasta, a partir daí ele teria começado a pesquisar e buscar informações a respeito, chegando a conclusão do que “realmente aconteceu no Brasil: foi onde eu me deparei com uma outra história do Brasil que não estava nos livros. Por isso que eu me apaixonei pelo Império, me apaixonei pela monarquia”.

Apesar de tamanha paixão, este engajamento na causa monarquista estaria ligado à muitos outros aspectos, que vão além de um descontentamento com a política atual, mas sim com uma ascensão da extrema direita, que tem ganhado muito força no Brasil nos últimos tempos, como afirmou o pesquisador Luiz Antônio Signates. “É muito mais uma afirmação de uma certa direita conservadora, reacionária, retrógrada que nós temos no Brasil hoje, do que um monarquista propriamente dito” (LUIZ ANTÔNIO SIGNATES, 2024)⁵. Segundo ele, mesmo que estes grupos continuem avançando, um retorno da monarquia no Brasil moderno é praticamente impossível, pois, apesar de ser um movimento que existe, ele possui aspectos pouco abrangentes. “É uma movimentação que existe, mas é tão minoritária que é praticamente inexpressiva” (LUIZ ANTÔNIO SIGNATES, 2024).

Situação também enfatizada pelo jornalista especialista em política e marketing digital, Luiz Carlos Fernandes, que pontuou a falta de expansividade além da internet, mesmo tentando alçar voos até o congresso, quando elegeram o deputado Luiz Philippe de Orléans e Bragança, além de outros

³ Parte de entrevista transcrita do documentário Orfãos do Imperador, 2024.

⁴ Parte de entrevista transcrita do documentário Orfãos do Imperador, 2024.

⁵ Parte de entrevista transcrita do documentário Orfãos do Imperador, 2024.

nomes adpetos ao monarquismo, como Carla Zambelli, mas sem estarem dentro de um partido próprio do movimento. O profissional enfatizou uma insignificância do ponto de vista de representação. “Eles não conseguem ter 2% em 14 estados: são 27 contando com Distrito Federal, ou seja, eles não conseguem nem na metade do país ter 2% de pessoas que comungam da mesma ideia” (LUIZ CARLOS FERNANDES, 2024⁶). Para ele, este movimento, mesmo que ainda pequeno, sobrevive devido à pessoas frustradas com a atual conjuntura, e que veem, em outros lugares, como Espanha, Reino Unido e Japão, uma estabilidade que não necessariamente está ligada a monarquia lá presentes. “É uma monarquia que tem um espaço da lembrança histórica do que já foi, mas sem aquela relevância que já teve na sociedade” (LUIZ CARLOS FERNANDES, 2024).

É com este sentimento de nostalgia, de um pertencimento a algo que já fora melhor, que os adeptos ao monarquismo se encontram, sempre buscam algo que já foram, ou no caso, nem mesmo viveram (RAINER GONÇALVES SOUZA, 2024)⁷. Segundo o historiador, os monarquistas se prendem ao passado, pois imaginam que nele, não existiam problemas, quando, na verdade, este foi o sistema político brasileiro que sustentou mais desigualdade de toda sua história como nação, a começar pela escravidão. “Por mais que houvesse, no movimento abolicionista, todo um conjunto de ações, o próprio Império acreditava que não poderia abrir mão dessa instituição econômica” (RAINER GONÇALVES SOUZA, 2024). Apesar disso, o especialista explica que sim, de fato o Brasil, como um império possuía aspectos positivos, mas todos eles não se valem, uma vez que este foi um regime que manteve a escravidão ao máximo que pode, sendo o último país do mundo a abolir a escravidão “O que esperar de um regime, que vai preservar a escravidão com tanto afincos, à Constituição de um projeto social, inclusivo?” (RAINER GONÇALVES SOUZA, 2024).

⁶ Parte de entrevista transcrita do documentário Orfãos do Imperador, 2024.

⁷ Parte de entrevista transcrita do documentário Orfãos do Imperador, 2024.

CAPÍTULO II

MEMORIAL

Thiago Lopes Alonso

A própria concepção deste projeto já foi algo complicado, uma vez que foi um assunto quase inédito e com pouquíssimas referências. Pensando como documentário, além do trabalho acadêmico, ainda no início de fevereiro, quando iniciei os trabalhos de pré-produção, tive que confirmar se ele realmente era viável. Os planos iniciais era entrevistar os próprios decendentes de Dom Pedro II, as pessoas da família imperial, sendo Bertrand de Orléans e Bragança e o deputado Luiz Philippe de Orléans e Bragança como minhas principais fontes neste aspecto. Por conta disso, antes mesmo que iniciasse o projeto escrito, tive que ligar para as respectivas assessorias e confirmar a viabilidade destas entrevistas, mesmo que fosse realizar elas somente um semestre depois. Para minha alegria, rapidamente confirmaram comigo, e não só isso, como se mostraram bastante solícitos, e empolgados com o projeto. No entanto, no projeto final isto não se concretizou. Após várias mensagens, ligações, conversas, sempre me enrolavam e não consegui marcar nenhuma entrevista. Sempre remaravam as datas, repassavam para falar com outro setor e assim sucessivamente. Após muito tempo (e graças à uma fonte posterior), consegui marcar uma entrevista, mas eu já tinha trocado de planos, e acabei por recusar, pois já tinha gastado além do planejado e esta entrevista não seria tão essencial assim.

Enfim, passado alguns meses, me preparei para as gravações. Como não contratei nenhum cinegrafista e queria poupar gastos – uma vez que os planos iniciais eram viajar para São Paulo e entrevistar a família real – apenas troquei de celular, comprei um com uma câmera melhor para realizar o filme. Foi um investimento alto, mas acredito que ainda consegui me assegurar, uma vez que pagar somente o cinegrafista seria caro, mas acabaria ali. O celular também utilizei para outras atividades, além de gravar além do planejado.

No segundo semestre, no entanto, os problemas retornaram, desta vez, não somente com as fontes do lado “monarquista”. A minha ideia inicial, e que, felizmente se concretizou, era dividir o filme em duas partes: monarquistas e especialistas. Contudo, até mesmo as entrevistas com estes especialistas foram complicadas de encontrar. Procurei historiadores, cientistas políticos, mas com foco em monarquia. De fato encontrei, mas nenhum em Goiânia ou nas proximidades. Como eu foquei muito no aspecto visual, uma de minhas exigências pessoais era que fosse uma entrevista presencial, mais pela estética mesmo. Enfim, foi complicado encontrar pessoas especialistas em monarquia propriamente dita, mas conversei com os professores Luiz Signates – especialista em política e religiosidade; Luiz Carlos Fernandes – especialista em política nas redes sociais; e Rainer

Gonçalves Sousa – especialista em história do Brasil e Brasil contemporâneo. Ambos se encaixaram perfeitamente, num viés um pouco diferente, mas com suas contribuições separadamente, consegui entrevistas incríveis.

Apesar destes profissionais serem ótimos, surgiu outro empecilho: todos os entrevistados, incluindo monarquistas, eram homens. Tentei por tudo encontrar uma mulher, procurei na internet, grupos de WhatsApp, a minha orientadora Eliani Covem tentou me indicar algumas pessoas do corpo docente da PUC, mas nenhuma mulher se sentia confortável em falar sobre este assunto. Por fim, tive que gravar, infelizmente, somente com homens. Ótimos entrevistados, por sinal, mas acredito que mulheres dariam um toque diversificado para a temática.

Quanto aos monarquistas, também foi tão complicado quanto. Como eu disse, foi difícil encontrar especialistas em monarquia, mas ainda consegui especialistas. Monarquistas foi ainda mais difícil. Apesar de ser um grupo que existe, eles são “discretos”, e consegui poucos em Goiás, apenas alguns em outras partes do Brasil, mas como eu disse, presei pela presencialidade. Até que, após indicação de uma colega da internet e visitando o perfil “oficial” da monarquia no Brasil, encontrei o “Círculo Monárquico de Alexânia”, que é um grupo organizado de monarquistas do município, nos quais eles fazem podcasts e exposições, ou seja: muito organizados. Diante disso, entrei em contato com os chanceleres, Kevin Diego Madaleno e Leandro Egito. Inicialmente conversei mais com o Leandro, mas logo percebi que Kevin era o principal e foquei nele. Ele, inclusive, ficou empolgado com o projeto e logo marcamos uma data para a entrevista, na qual eu iria para Alexânia gravar.

Como eu havia falado com o Kevin, eu estava pensando em gravar em um local bonito e perguntei para ele se em Alexânia tinha algo assim. Ele me recomendou a Imperial Capela Mãe do Bom Conselho, que é um local destinado à engrandecer o “Imperador” e fica em Abadiânia, cidade localizada entre Goiânia e Alexânia, onde nos encontraríamos. Assim foi feito, marcamos para o dia 22 de setembro, o local seria a capela. Contudo, na mesma semana, Kevin me perguntou se eu poderia trocar a data para o dia 06 de outubro e eu prontamente confirmei, mas sem me atentar aos detalhes, porque eu havia me esquecido que no dia 06 seria eleição e eu iria trabalhar cobrindo o pleito. Logo, mandei uma mensagem para ele pedindo para remarcar para qualquer dia, exceto neste. No entanto, ele nunca mais me respondeu. Aguardei vários dias, mandei outras mensagens pelo WhatsApp, pelo Instagram e nada.

Até que, essa mesma pessoa que me indicou este círculo monárquico me contou que o Kevin havia sido preso, e por isso não estava me respondendo. Segundo ela, a Polícia Federal (PF) teria feito apreensão de pornografia infantil na casa e no celular dele, por isso estava incomunicável. Neste

momento, fiquei apreensivo. O Kevin era minha segunda opção (já que a família real não havia me dado mais sinal) e ele seria uma ótima fonte, e agora tudo estava indo por água abaixo. Tentei falar com o Leandro, mas ele apenas me disse que o Kevin estava “incomunicável”, mas que iria ver se daria certo a entrevista ainda. No final das contas, chegando próximo da data, Leandro só me enrolava e depois de um certo ponto passou a me ignorar, sem responder o que eu mandava. A entrevista estava marcada e eu sem fontes.

Lá vou eu novamente, me lembrando de que Kevin – antes da prisão – tinha me falado o nome do padre responsável pela capela. Após alguma pesquisa, descobri que Abadiânia estava ligada a diocese da Igreja Católica de Anápolis, então consegui o contato da assessoria da instituição. Falei que precisava do contato do Padre Sávio. Assim, consegui o contato dele e logo marcamos uma entrevista. Lá estava eu: de um círculo monárquico com várias pessoas, para um entrevistado.

No dia 28/09, fui acompanhado com minhas amigas Cecília e Giovana para Abadiânia entrevistar o Padre Sávio. O local era muito bonito e consegui fazer muitas imagens de apoio. O padre respondeu todas as perguntas feitas, mas antes de gravar, numa conversa informal, havia falado melhor.

Depois da entrevista, ainda gravamos uma espécie de “vlogs”, com ele mostrando a capela por dentro e o espaço dedicado a devoção ao então “Imperador” Dom Luiz. Por fim, conversando com ele, expliquei das dificuldades de fontes, e ele tinha o contato de Dom Bertrand – que seria o imperador – e me ajudou marcar uma entrevista com ele, mas já era tarde. Padre Sávio também me explicou que naquele mesmo dia, um homem chamado Jairo estava fazendo uma exposição sobre monarquia em Anápolis – cidade caminho de Abadiânia para Goiânia – e que eu poderia entrevistá-lo. Em uma ligação rápida, combinamos de passar na exposição e fazer a entrevista, e assim fizemos.

No local, estavam fazendo uma exposição sobre a história da moeda Real, mas dedicaram uma boa parte ao Brasil Império. Chegamos no final e conversei com Jairo e com o Fernando, um amigo dele que também participava. Expliquei o tema e que precisava fazer a gravação, ambos toparam e gravei primeiramente com Fernando. Foi uma ótima entrevista, mas como eu disse, fiz tudo com o celular então foi meio complicado, meu celular já havia gravado muito durante a manhã com o padre e estava esquentando muito. Tive que parar a entrevista no meio porque o celular esquentou muito e não conseguia mais gravar. Depois ocorreu o mesmo, e finalizamos a entrevista com, em média, 40 minutos, mas ainda faltavam perguntas, porém meu celular não estava mais respondendo, e tive que cortar no meio. Esperamos alguns minutos e fizemos o mesmo com o Jairo, porém a entrevista foi muito maior, mas no final também houve o mesmo problema.

Apesar dos pesares, o saldo deste dia foi extremamente positivo, uma vez que foram dois entrevistados de surpresa, que não estavam no planejamento. Jairo também disponibilizou uma entrevista que ele mesmo fez com o Dom Bertrand, me cedendo com exclusividade sem ser publicado ainda em lugar nenhum. Eu havia ido para Abadiânia bastante chateado que seria apenas a entrevista com o padre Sávio, mas no fim das contas deu tudo certo.

Vale lembrar que, como não estavam planejadas estas duas entrevistas a mais, eu havia marcado com um monarquista de Goiânia, que nunca mais me respondeu. Então se as entrevistas de Anápolis não tivessem dado certo, eu só teria uma fonte.

Já na parte de edição, houve outro problema. Como dito, as entrevistas de Fernando e Jairo foram interrompidas duas vezes porque o celular esquentou. Por conta disso, os arquivos corromperam, e precisei me desdobrar para conseguir salvá-los. No final das contas, consegui, mas os vídeos perderam muita qualidade, e o editor precisou se desdobrar para corrigir os erros.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O filme documentário *Orfãos do Imperador*, com duração de exatamente 25 minutos, foi realizado no período de fevereiro a novembro de 2024, desde o início da pré-produção até a edição final. Nos meses de fevereiro e março foi realizada a pesquisa de personagens e fontes, culminando, que garantiriam a viabilidade do projeto. A escolha dos personagens ligados à monarquia foi feita, inicialmente, seguindo a proximidade destas pessoas com o caso, tendo como principal fator a descendência com Dom Pedro II.

Já entre julho e setembro, foram sondados personagens especialistas, historiados e professores, que dariam uma visão oposta do primeiro núcleo. Estas entrevistas, por mais complicadas que sejam de conseguir, foram gravadas no mês de setembro. No mesmo período, foram filmadas cenas com pessoas adéptas ao movimento monarquista, mas que não necessariamente fazem parte da linhagem. A captação de imagens e gravações das entrevistas foram realizadas em cinco locações diferentes, sendo elas: Livaria Palavrear, em Goiânia (GO), Capela Mãe do Bom Conselho, em Abadiânia (GO), Teatro do Campus V da PUC, em Goiânia (GO) – sendo duas locações em datas diferentes – e na Estação Ferroviária de Anápolis Prefeito José Fernandes Valente, em Anápolis (GO), onde foram gravadas duas entrevistas no mesmo dia. A maior parte das entrevistas foi gravadas com a câmera de um smartphone Apple Iphone 15, com ajustes milimetricamente selecionados para proporcionar alta qualidade de imagem, todas realizadas pelo autor deste trabalho. Também foi utilizada uma câmera profissional modelo Sony ZV-E10, na qual foram filmadas cenas de apoio e cenários em algumas das locações, algumas destas imagens foram concebidas pelo autor deste trabalho, enquanto outras foram feitas por Cecília Epifânio. A captação de áudio foi realizada com o uso de um microfone lapela sem fio profissional Røde em algumas ocasiões, e um microfone lapela sem fio profissional Hollyland LARK M2. A montagem do filme foi terceirizada, realizada pelo profissional Elvis Godoi, da produtora Gato do Mato, utilizando os software Adobe Premiere Pro e Adobe After Effects. O autor deste trabalho também contribuiu com a edição final, utilizando o software Capcut, versão para desktop. O processo de edição envolveu uma cuidadosa seleção e organização das filmagens, aliado à utilização de imagens de arquivo do YouTube. A trilha sonora foi escolhida entre as músicas disponíveis no site “Envato”, conhecido por ter um acervo de milhares de músicas e imagens com direito de uso livre, para diversos temas de filmes e vídeos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a graduação, o audiovisual nunca foi a parte preferida de realização do autor deste trabalho. Apesar de apreciar assistir filmes e documentários, não tinha em mente realizar um filme como Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, a produção do documentário *Órfãos do Imperador* proporcionou grande conhecimento e experiência, unindo à boa formação que obteve nas diversas disciplinas do curso.

No decorrer da produção do filme, as ideias contidas no projeto inicial não se concretizaram, no entanto, o resultado final foi surpreendente, pela qualidade das imagens e pelo conteúdo político e social discutido na narrativa. Sugere-se que outros documentários sejam realizados sobre esse tema ou assuntos semelhantes, numa época em que as ideologias políticas e sociais estão em contante debate.

REFERÊNCIAS

- ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário brasileiro**: Evolução da linguagem. São Paulo: Arte, 1999.
- BRAGANÇA, Luiz de Orleans e. **Carta aos Constituintes**. Cartão Coletivo/São Paulo. p. 15, 1987.
- BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**: Nostalgia and its discontents. 2001.
- DA-RIN, S. **Espelho partido**: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2004.
- FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método**: uma conversa com Eduardo Coutinho. Psicologia USP, São Paulo, janeiro/março de 2009, p. 125-138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/FWGjkZbNxJ3r7YFy4SgZ3Bj/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 22 mar. 2024.
- GAZETA DO POVO. Redação do site. Fernanda Trisotto. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/partido-monarquista-ja-teve-quem-quisesse-montar-quatro-desses-no-brasil-5srt333dfcm82vv2qo98lpsx9/>. Acesso em 13 nov. 2024.
- G1 RIO. **Dom Antônio de Orleans e Bragança, príncipe imperial e bisneto da princesa Isabel, morre no Rio**. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/11/08/dom-antonio-orleans-e-braganca-morre-no-rio.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- GONÇALVES, Gustavo Soranz. **Panorama do documentário no Brasil**. Centro Universitário do Norte – Uninorte/Amazonas, p. 79 a 91, 2006.
- JORGE, Luiz Eduardo. **Cinema documental e realidade social**. Iluminuras, Vol. 11, N. 26, 2010.
- LINS, Consuelo. O filme-dispositivo no documentário brasileiro contemporâneo. In: **Sobre Fazer Documentários**. p. 44-51. Vários autores. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.
- MENDES CATANI, Afrânio. **A Aventura Industrial e o Cinema Paulista**.
- MONARQUIA WIKI, Redação do site. **Eudes Maria de Orleans e Bragança**. Disponível em: [https://monarquia.miraheze.org/wiki/Eudes_Maria_de_Orleans_e_Bragan%C3%A7a#:~:text=Eudes%20Maria%20Rainier%20Pedro%20Jos%C3%A9%20\(Mandelieu%2C%20Fran%C3%A7a%2C%20de.princesa%20Maria%20Isabel%20da%20Baviera](https://monarquia.miraheze.org/wiki/Eudes_Maria_de_Orleans_e_Bragan%C3%A7a#:~:text=Eudes%20Maria%20Rainier%20Pedro%20Jos%C3%A9%20(Mandelieu%2C%20Fran%C3%A7a%2C%20de.princesa%20Maria%20Isabel%20da%20Baviera). Acesso em: 19 maio 2024.
- MONARQUIA.ORG, Redação do site. **“Propostas Básicas”**: com vistas à restauração da monarquia no Brasil. Disponível em: <https://monarquia.org.br/monarquia-hoje/propostas-basicas/>. Acesso em: 26 maio 2024.

MONARQUIA.ORG, Redação do site. **Árvore Genealógica**. Disponível em: http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/setembro2010/materias/o_brasil.html Acesso em: 19 maio 2024.

NÓBREGA, Savyo. **Família Imperial Brasileira: 1817-2010**. 2024. Disponível em: http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/setembro2010/materias/o_brasil.html Acesso em: 14 maio 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus, 2010.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e roteiro de cinema: da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 2007.

QUADROS, Marcos Paulo. **Conservadorismo Coroado: movimentos monarquistas no Brasil atual**. Araraquara, 2017.

RAMOS, Fernão. **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo: Arte, 1990.

WAINER, Julio. **Ideia, imagens e sons** caminhos para a estruturação de um documentário. São Paulo, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE I

ROTEIRO

VÍDEO	ÁUDIO	TEMPO
CENA 1 FADE IN: Momentos marcantes e polêmicos da república até a atualidade.	Finalizar este trecho com a fala “Que Deus tenha misericórdia dessa nação”, de Eduardo Cunha. (Música)	00:00 - 00:54
Título	(Música)	00:55 - 01:08
CENA 2 Imagens de cobertura do congresso, utilizar imagens aéreas indicadas, imagens externas e internas.	Fernando (VOZ OFF): O maior golpe que o Brasil já sofreu aconteceu em 1889, o golpe da República só chegou até os dias de hoje, porque a história é contada por aqueles que ganham, por aqueles que vencem. (V1: 10:25 - 10:40) Jairo (VOZ OFF): o Brasil poderia ter tido, né? Um sistema monárquico aonde eu creio que, nós tivemos alguns avanços com a república, mas tivemos também vários retrocessos (V1: 06:23 - 06:39) Padre Sávio (VOZ OFF): Na atual conjuntura do Brasil, vemos a decadência da República. Então, se têm surgido muitas alternativas, exatamente uma delas, que vemos em outras partes do mundo, como Inglaterra, Canadá, Dinamarca e outros lugares, em que a monarquia é que funciona melhor. (V1: 08:57 - 09:23)	01:09 - 2:04
CENA 3 Imagens de cobertura de Fernando Depois corta para entrevista com Fernando introduzir Lettering: Fernando	Fernando: Eu sou o Fernando Ganim, eu sou numismata, estudo cédulas e moedas do Brasil já há cerca de 20 anos e no meio desse caminho, eu me apaixonei pelo Império do Brasil. (V1: 00:04 - 00:16)	02:05 - 02:18

Ganim / Monarquista		
CENA 4 Imagens de cobertura de Jairo Depois corta para entrevista com Jairo Introduzir Lettering: Jairo Alves Leite / Monarquista Usar imagens de cobertura de Jairo para fazer o corte entre as falas	Jairo: Meu nome é Jairo Alves Leite, eu sou Historiador, sou o presidente fundador do Instituto de Patrimônio Histórico e Cultural Professor Jan Magalinski, e estou na gerência de turismo na Prefeitura de Anápolis. Eu enquanto historiador, né? Me interessei muito pelas histórias do Brasil Império. (V1: 00:07 - 00:21 / 00:30 - 00:37)	02:19 - 02:40
CENA 5 Entrevista Fernando	Fernando: Quando eu comecei a observar tudo que vinha acontecendo na nossa realidade eu observava o golpe “golpe” de 1964, eu observava as eleições que vinham aí acontecendo, o plebiscito que ocorreu para poder definir se o Brasil continuava como uma república ou se ele voltava a ser uma monarquia, e de repente eu percebi todos os escândalos que nós vimos na última década de corrupção, e a gente fica pensando numa solução. Como mudar o Brasil? (V1: 01:20 - 01:56)	02:41 - 03:19
CENA 6 Entrevista Jairo	Jairo: Naquela época que foi feito um plebiscito, as pessoas já tinham esquecido do que era a monarquia, foi uma desconstrução, né? E nas escolas, por exemplo, colocam que é, essa desconstrução, essa nova construção aí de um Brasil república, e apagando o Brasil Monárquico. Teve sim avanços lá naquele, no fim do Império, né? E a partir da República, tenta esconder todos os benefícios (V1: 08:09 - 08:39)	03:20 - 03:50
CENA 7 Entrevista Fernando	Fernando: Basta você começar a pesquisar, qualquer pesquisa séria que você faça com o intuito de descobrir a verdade, você vai chegar na conclusão de que o império é muito melhor do que a república. (V1: 11:03 - 11:15)	03:51 - 04:04

CENA 8 Entrevista Jairo	Jairo: E Como monarquia, eu acredito que nós teríamos um poder moderador, né? O que não há essa, essa consolidação na República, só tem o Executivo, o legislativo e o judiciário e estamos vendo como que o Brasil está hoje. (V1: 06:30 - 07:00)	04:05 - 04:24
CENA 9 Entrevista Fernando	Fernando: A conclusão que eu cheguei, é que é necessário que haja um poder moderador, que haja Um Quarto Poder a colocar freio no que a gente vê hoje desenfreadamente na política. Por isso que eu me apaixonei pelo Império, por isso que eu me apaixonei pela monarquia. (V1: 02:57 - 03:15)	04:25 - 04:44
CENA 10 Entrevista Signates Lettering: Luiz Signates / Professor em política e religiosidade	Signates: Eu sou o professor Luiz Signates, sou professor da área de comunicação da Universidade Federal de Goiás, onde eu estudo comunicação e política, comunicação e cidadania, comunicação e religiosidade. Sou professor também da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. (V1: 00:07 - 00:30)	04:45 - 05:01
CENA 11 Entrevista Luiz Carlos Lettering: Luiz Carlos / Jornalista especialista em marketing	Luiz: Meu nome é Luiz Carlos Fernandes. Eu sou jornalista, tenho especialização em marketing, marketing político, pesquisa de mercado, meu mestrado é em comunicação, meu doutorado é sociologia política (V1: 00:03 - 00:15)	05:02 - 05:14
CENA 12 Entrevista Rainer Lettering: Rainer Gonçalves Souza / Historiador	Rainer: Meu nome é Rainer Gonçalves Souza, sou professor de história no Instituto Federal de Goiás, sou Mestre e Doutor em história também e tenho minha carreira ligada às pesquisas voltadas às temáticas da história do Brasil Contemporâneo. (V1: 00:06 - 00:22)	05:15 - 05:30
CENA 13 Entrevista Luiz Carlos	Luiz: Bom o plebiscito de 1993 discutiu se o Brasil poderia voltar, né a ser uma monarquia tá. Lembrando que o Brasil	05:31 - 06:21

	deixou de ser monarquia com a Proclamação da República, né que tirou Dom Pedro II, né? Do poder como o imperador do Brasil. Esse plebiscito foi avaliado se as pessoas queriam a monarquia de volta, e as pessoas recusaram a monarquia tá? Inclusive porque tem um problema técnico na monarquia, nós não temos herdeiros diretos da família real portuguesa mais no Brasil, né? Esse deputado aí que é o príncipe, na verdade ele é de segunda categoria, entendeu? Assim parente bastardo do rei, né? Não seria Rei nunca. Quem seria o rei? Nós teria um problema de implantar um sistema que não, não bate mais com a Realidade Atual, e a dificuldade de dizer quem é rei. Quem é herdeiro de Deus na Terra? Seria muito complexo	
CENA 14 Entrevista Signates	Signates: O debate sobre a monarquia brasileira é um debate muito interessante, ele foi muito incandescente na época da Independência do Brasil, 1822, quando, digamos assim, os intelectuais que haviam no Brasil naquela época, se dividiram nas duas correntes ,uma corrente republicana que seguia muito observando o processo político que acontecia nos Estados Unidos, especialmente com estabelecimento da Constituição Americana no final do século XVIII, e a revolução francesa na Europa também no final do século XVIII na última década do século XVIII. E uma outra ala, foi a ala monarquista, que defendia que a independência do Brasil deveria acontecer, mas ainda com a manutenção de uma monarquia para o Brasil. (V1: 02:28 - 03:25). Então, a proclamação da república, acabou sendo um movimento que também derivava de um outro, de uma outra movimentação que era muito comum também tocada pela maçonaria da época, pela maçonaria	06:22 - 07:52

	brasileira na época, que foi a independência dos escravos, a libertação dos escravos. A abolição da escravatura no Brasil era uma coisa muito tardia, todos os países do primeiro mundo já haviam abolido a escravatura, só faltava o Brasil, e esse movimento se ele acabou energizando a, a proclamação da república, muito porque o imperador Dom Pedro II, ele não resistiu a abolição da escravatura.	
CENA 15 Entrevista Rainer Inserir imagens em alguns trechos para ilustrar as falas. Como no momento que Rainer está falando da questão da escravidão.	Rainer: Mas aí a partir disso então, eles se valem desse desse sentimento de nostalgia, de que as coisas eram melhores, mas querem ver uma positividade do monarquismo sem entender que a monarquia brasileira ela era tinha o seu poder e a força legitimado pela exploração do trabalho escravo. E aí o argumento, né? E toda a defesa do monarquismo ele, ele se transforma naquilo que os americanos chamam é geralmente de wishful thinking, né? Que é uma um pensamento desejoso, uma Projeção de desejo, então é tudo no campo hipotético, é no campo especulativo, né? Tipo assim. “Ah, porque se Dom Pedro II tivesse mantido no poder a monarquia iria se modernizar, os direitos políticos iriam ser ampliados. Ah é só a gente ler os diários e os textos de Dom Pedro. Então as próprias elites locais ligadas a cafeicultura vão também ser promotoras dessas ideias é, abolicionistas, né? E que vão colocar em xeque o próprio Império Brasileiro. E aí não tem como desvincular uma coisa da outra né? É a escravidão vai ser vista como um, um sinônimo de atraso, mas quem que manteve esse atraso? É o império. então o império também vai ser uma expressão desse atraso social moral e econômico, né? A gente vai perceber que politicamente se cria um clima em que se viabiliza então o fim da	07:53 - 10:18

	escavidão no Brasil, mas não como um processo emancipatório de expansão da Cidadania, e aí a gente vai criar um mundo melhor e uma sociedade mais justa, mas por conta de um interesse econômico em que via que se você converte o escravo a condição de trabalhador assalariado, à o desenvolvimento da economia capitalista vai ganhar um outro ritmo e um outro conjunto de possibilidades.	
CENA 16 Entrevista Luiz Carlos Inserir imagens da cidade de Petrópolis, RJ.	Luiz: É um movimento que engloba vamos dizer assim, os “iludidos com a república”. É alguma herança histórica de lembrança, nada que faça muito parte da, vamos dizer assim, da concepção política do brasileiro não. É uma coisa mais de lembrança mesmo, e localizado no próprio Rio de Janeiro alguns, alguns locais de Petrópolis, locais do próprio Estado do Rio de Janeiro da região Sudeste (V1: 00:38 - 01:03)	10:19 - 10:43
CENA 17 Entrevista Signates Rápida inserção quando o deputado é citado.	Signates: O debate mais amplo que houve durante todo esse tempo, foi em 1993. Quando após promulgada a Constituição de 1988, houve um plebiscito para decidir o regime de governo no Brasil, e aí nós tivemos que decidir entre república e monarquia, e dentro da República, entre o presidencialismo e o parlamentarismo, ou dentro da monarquia também haveria o parlamentarismo monárquico caso a o regime monárquico fosse aprovado. Houve uma sufragação de quase 70% de votos a favor da república, e isso nunca mais voltou à [inaudível]. Então por essa razão, o Brasil permaneceu republicano depois da constituição de 1988, e não só republicano, ele permaneceu presidencialista, a partir deste plebiscito. Já não havia desde essa época, nem um tipo de movimentação significativa para	10:44 - 12:28

	que o Brasil voltasse a restaurar a monarquia, nunca houve isso apesar da Família Real Brasileira ainda existir. Ter aí seus descendentes, apesar de um dos membros da família real ser hoje um deputado federal, e que isso é muito mais produto de uma de um retorno, ou de uma emergência recente de grupos de direita, na política brasileira, do que é propriamente uma, uma vontade ou um renascimento do monarquismo, é muito mais uma, uma afirmação de uma certa direita conservadora, reacionária, retrógrada que nós temos no Brasil hoje.	
CENA 18 Entrevista Rainer	Rainer: Então a gente vê na República uma série de problemas, mas dentro dos seus princípios fundamentais, que é da Democracia, da Igualdade perante a lei, a gente consegue perceber que ele é um regime melhor que a monarquia. Por que o que acontece? Você tem de entre de quatro em quatro anos eleições, né? E aí a partir de uma vitória eleitoral um determinado projeto político tomar o poder, e aí por que que ele toma ele ocupa o poder, ele não toma ele ocupa, né? Porque ele foi legitimado pelo poder do voto e pelo resultado das urnas, agora num regime monárquico, o que que justifica a chegada de um sujeito ao poder? Ser filho do antecessor. Então não é uma questão de natureza política, não é uma questão de natureza ideológica é uma questão de natureza biológica e teológica também, né? Então assim eu sou filho do Imperador ciclano, então eu vou herdar o reino e a partir do momento em que o herdo reino a Vontade Divina tá sendo cumprida. Então tá tudo certo. A gente vai ser feliz.	12:29 - 13:36
CENA 19 Entrevista Signates Inserção de imagens que	Signates: Aí você pensa, restauração da monarquia, só se for feito por vias democráticas. E aí por via democrática a população inteira tem que ser	13:37- 14:28

representem os termos ‘população inteira’ e ‘classe política em peso’, ‘principais partidos e organizações políticas do país’. Imagens que representem igrejas.	convencida, a classe política em peso, as grandes, os principais partidos, ou as principais organizações políticas do país, tem que ser convencidas disso. É por isso é que inclusive o movimento chama o “movimento restauracionista” é um movimento que pretende retornar a um passado, antes das revoluções liberais, sabe? Chama-se movimento de restauração das monarquias, ele existe no âmbito leigo, restauração de monarquias nos países, e existe inclusive dentro da igreja, existe setores conservadores da igreja que defendem que a igreja volte a ser aquilo que ela foi na idade média, uma espécie grande de governo acima de todos os governos.	
CENA 20 Viagem até Abadiânia Lettering: Abadiânia, Goiás Imagens da Imperial Capela Mãe do Bom Conselho	(Música)	14:29 - 15:56
CENA 21 Entrevista Padre Sávio Lettering: Padre Sávio Fernando de Bezerra / Monarquista Imagens de cobertura da capela Imagens da Princesa Isabel	Padre: Eu sou o padre Sávio Fernando de Bezerra da Diocese de Anápolis, trabalho como capelão hospitalar aqui na diocese (V1 00:06 - 00:16). Padre (VOZ OFF): Ao construir a capela dedicada a Nossa Senhora do Bom Conselho, que também é uma devoção que era muito querida por Dom Luís, e surgiu a proposta de dar o título de Imperial a esta capela. (V1 02:13 - 02:31) Padre: O brasileiro foi educado com num conceito errado de monarquia, principalmente nos últimos anos. Exatamente tem a questão do Brasil Paralelo, que lançou isso aí, mostrando que o brasileiro conhece a monarquia através das novelas e filmes, e seriados feitas pela Globo. Então, há uma	15:56 - 16:23

Imagens do Cristo Redentor e sobre a representação da homenagem que queriam fazer para Princesa Isabel	deturpação do que era a função da monarquia, do rei ou da rainha, a Princesa Isabel. Por exemplo, quando se pensa em uma grande figura. Inclusive, o Cristo Redentor foi feito em honra à Princesa Isabel. Queriam fazer pela libertação dos escravos, como uma homenagem à Redentora. Só que ela não aceitou que fizessem para ela. Então, aí que foi feito o Cristo Redentor.	
CENA 22 Entrevista Rainer	Rainer: Então como que você vai esperar de um regime, que vai preservar a escravidão com tanto afinco, à Constituição de um projeto social, inclusivo, né? Você não vai esperar é isso, né dessa instituição que vai ser a favor da escravidão, até quando não dava mais. Então é dentro dessa perspectiva, que ainda que a república foi fundada por medo de um golpe, por meio de uma série de solavancos, e de imposições, que a gente não consegue também dizer que por mais que a república fosse problemática, a gente não vai olhar no império e falar “não há salvação dos nossos problemas tá colocada”.	16:24 - 16:59
CENA 23 Entrevista Luiz Imagens de cobertura	Luiz: A monarquia que tem um espaço, da lembrança histórica do que já foi né, mas não, no próprio Japão, né? Não tem mais aquela relevância que já teve na sociedade.	17:00 - 17:09
CENA 24 Entrevista Fernando	Fernando: Nós tivemos um dos melhores Reis do mundo, um dos melhores Imperadores do mundo, Pedro II foi o Imperador que, se brincar país nenhum no mundo teve um Imperador como Pedro II (v1 08:08 - 08:23)	17:10 - 17:24
CENA 25 Entrevista Jairo	Jairo: Então eu percebo que esse momento há muitas pessoas no Brasil, em todo o Brasil estão conhecendo o que poderíamos ter se não fosse essa	17:25 - 17:41

	democracia, essa política: o Brasil República.	
CENA 26 Entrevista Padre Sávio	Padre: O brasileiro também está acordando, vendo outras situações, a crise política e econômica e também da crise cultural, então, as pessoas estão procurando estudar mais a história, que vão sendo inclinadas a procurar mais a monarquia. (V1 14:38 - 15:00)	17:42 - 18:04
CENA 27 Entrevista Luiz Carlos	Luiz: Olha como eles os monarquias são insignificantes do ponto de vista de representação. Eles não conseguem ter 2% em 14 estados: são 27 contando com Distrito Federal (10:23 - 10:32)	18:05 - 18:14
	Fernando: O monarca cuida melhor do povo do que o governante, do que o presidente. É preciso que haja esse Quarto Poder, para que o monarca esteja lá para poder deliberar para poder moderar os excessos.	18:15 - 18:28
CENA 28 Entrevista Rainer Imagens que retratam a desigualdade social existente no Brasil no momento em que Rainer cita sobre o mal que os monarquistas enxergam na República.	Rainer: Você defende Um Quarto Poder mas quando por exemplo o STF tomar uma decisão que não te agrada, você fala em autoritarismo, mas se um sujeito tomou a decisão unilateral porque ele é Imperador do Brasil aí tá tudo bem. por meio desses dessas problemáticas todas, que até que o movimento monarquista vê na República uma mal, né um problema que não conseguiu efetivamente dar uma condição de vida melhor para a população brasileira nos seus né na sua maior amplitude. Mas por outro lado também vai ser o regime que manteve a escravidão até quando não dava mais, né?	18:29 - 19:10
CENA 29 Entrevista com Padre Planos detalhes da placa com o	Padre: Dom Bertrand veio aqui nessa Capela, exatamente pelo fato de Dom Luís ter dado o título, e também juntando com a oportunidade que teve de dar uma	19:11 - 19:26

título da Capela.	palestra em Brasília e também em Alexânia. (Música)	
CENA 30 Entrevista Jairo	Jairo: O príncipe Dom Bertrand de Orleans & Bragança, ele estava para um casamento e acabou que nesse casamento, ele ficou no hotel próximo aonde eu tinha essa exposição, e deu certo dele vir a essa exposição, ia passar ali meia hora e acabou que ele fez várias perguntas para conhecer o contexto histórico da cidade. (04:13 - 04:36) Emendar com a fala Jairo: Acabou que ele saiu daqui muito satisfeito, perguntou sobre a família, ele se interessa muito pela família, pela sociedade em si. (Música)	19:27 - 19:46
CENA 31 Imagens de arquivo da entrevista com Dom Bertrand Lettering: ARQUIVO CEDIDO POR JAIRO	(Música)	19:47 - 19:53
CENA 32 Imagens de arquivo da entrevista com Dom Bertrand realizada por Jairo Lettering: Dom Bertrand De Orleans E Bragança / Bisneto da Princesa Isabel / Herdeiro do Trono Brasileiro Imagens de Deodoro, Benjamin Constant, Fernando Peixoto, quando citados.	Dom Bertrand: Aí é um erro histórico que eu quero corrigir. Não foram os fazendeiros, produtores, não foram. Não foi o parlamento também. Foi um golpe militar, de uma minoria pequena, de conspiradores no Rio de Janeiro, e tinham apenas um terço das guarnições. E aí foi né: era uma minoria que era o Deodoro, Benjamin Constant, Fernando Peixoto. Poucos assim, poucos. Dom Bertrand: que aproveitaram um descontentamento que havia com uma	19:54 - 20:52

	parte do exército, por causa da guerra do Paraguai e etc, no qual o Brasil aliás se defendeu heroicamente. Uma pequena minoria que aproveitou-se de uma instabilidade para dar o golpe. Mas Aristides Lobo, que foi Ministro do Interior logo no primeiro governo, tem uma afirmação que dizia: “O Brasil assistiu bestializado a proclamação da monarquia da república”. (Música)	
CENA 33 Entrevista Rainer	Rainer: Essas figuras na verdade eles acenam em torno de uma crítica República que é extremamente superficial, né? É tipo assim.” Ah República é um é um é um jogo de cartas marcadas, então isso aqui a gente nós estamos lutando contra esse sistema”. E aí é sempre essa categoria fantasmagórica, “o sistema” (v4 05:46 - 06:09)	20:53 - 21:16
CENA 34 Entrevista Fernando	Fernando: A monarquia pode ser parlamentarista, nós temos muitas, muitas monarquias parlamentaristas que dão certo, que funcionam, eu vou citar um exemplo da Inglaterra, do Reino Unido: o carinho que o povo tinha pela Rainha Elizabeth II, tem pelo Rei Charles, o povo gosta, o Brasil é um país monarquista, está no nosso sangue.	21:17 - 21:41
CENA 35 Entrevista Luiz Carlos	Luiz: A monarquia é incompatível com a democracia, como é incompatível com a república. Então assim por quê? Porque ao acesso ao poder na monarquia é por herança de nascimento	21:52 - 21:55
CENA 36 Entrevista com Signates	Signates: Falam que a ideia de rei é uma ideia muito comum na sociedade na época. Inclusive, na época eles falava que a Xuxa era a rainha dos baixinhos, o Pelé o rei do futebol.	21:56 - 22:03

CENA 37 Entrevista Rainer	Rainer: Então a gente olhando comparativamente o que legitima a presença de um presidente do poder e o que legitima a presença de um Imperador no poder, né? Depois de pensar todo o avanço do debate político a partir dos ideais do liberalismo, e dos princípios da Revolução Francesa, a gente olhar para a monarquia achar que ela vai resolver os nossos problemas é acreditar num certo misticismo, né?	22:04 - 22:31
CENA 38 Entrevista Padre Sávio	Padre: Se a monarquia, por um apelo popular viesse a voltar ao Brasil acredito que daria uma estabilidade maior ao Brasil.	22:32 - 22:43
CENA 39 Entrevista Jairo	Jairo: O movimento tem pessoas engajadas, pessoas que buscam conhecimento, que estão estudando e não são pessoas medíocres. (31:32 - 03:42)	22:44 - 22:52
CENA 40 Entrevista Rainer Imagens de figuras da monarquia. Encerrar com imagens de DF durante Voz Off da Entrevista do Rainer	Rainer: Por que que eu quero que os Orleans e Bragança voltam ao poder? Ah, porque eles são descendentes de Dom Pedro II que era um homem extremamente sábio. Tá, mas pessoas sábias também podem empreender governos injustos e problemáticos né? Aí essa insistência nisso na verdade ela abre caminho pra quê pra pensar que dentro do monarquismo existe o que a defesa de um projeto autoritário mesmo, né? A gente precisa de um líder, né? A gente precisa de um Imperador. que tenha, se é que é pra gente falar da atuação dos Orleans a partir daquilo que eles efetivamente fizeram, a gente. e um sábio líder que com o poder moderador nas mãos vai interferir nas decisões do, do legislativo e do Judiciário (música)	22:53 - 23:45
Cartela: Créditos	(música)	23:46 - 25:00

APÊNDICE II

AUTORIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO

O aluno, Thiago Lopes Alonso, concluinte do curso de Jornalismo da Escola de Direito, Negócios e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em 2024, autoriza a reprodução por parte da Universidade da obra feita para o trabalho de conclusão de curso.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante Thiago Lopes Alonso, do curso de Jornalismo, matrícula 20201012700061, telefone: (62) 98539-6864, e-mail: thiagoalonso26@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Órfãos do Imperador”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 02 de dezembro de 2024.

Assinatura do autor:

Thiago Lopes Alonso

Nome completo do autor: Thiago Lopes Alonso

Assinatura do professor-orientador:

Elisani de F. Costa Oliveira